

## FESTAS QUILOMBOLAS: ENTRE A TRADIÇÃO E O SAGRADO, MATIZES DA ANCESTRALIDADE AFRICANA.

Maria Walburga dos Santos<sup>1</sup>  
UFSCar

### RESUMO

O texto reflete a respeito das festas e outros eventos considerados festivos em uma comunidade quilombola e suas relações com o processo de criação e recriação da autoafirmação das identidades e alteridade do grupo em experiência de vida comunitária, aliada ao que consideramos matizes da ancestralidade africana. Elaborado a partir de pesquisa etnográfica, o trabalho aponta elementos inerentes às festividades que outrora marginalizados por uma cultura de branqueamento dos costumes e das instituições, corroboram na atualidade com o movimento de reconhecimento das origens e de autoidentificação como quilombola. Pretende contribuir com a ampliação do debate no campo teórico e prático da Educação das Relações Étnico-Raciais e da Educação Quilombola.

Palavras-chave: festas quilombolas; comunidades quilombolas; Educação quilombola.

## QUILOMBOLAS PARTIES: BETWEEN TRADITION AND THE SACRED HUES OF AFRICAN ANCESTRALITY.

### ABSTRACT

This text think over parties and other events considered festive in one quilombola community and its relationship to the process of creation and recreation of the self-assertion of group identity and otherness in community life, is done allied to considerations about what we consider nuances of African ancestry. Elaborated from the results of an ethnographic research, this paper shows elements inherent to the festivities formerly marginalized by a culture of bleaching of customs and institutions, that nowadays corroborate with the movement of recognition of the origins and self-identification of that people as quilombolas. This paper aims to contribute to the expand the debate about theoretical and practical education of Racial-Ethnic Relations and Quilombola's Education. Keywords: quilombola parties, quilombola communities, Quilombolas's Education.

### **I - Festas, outros eventos festivos e seus motivos em uma comunidade quilombola**

[...] o que é uma festa? A que nos referimos quando empregamos esta palavra? Não existe, na verdade, uma conceituação minimamente adequada do que seja uma festa. Festa é um termo vago, derivado do senso comum, que pode ser aplicado a uma gama de situações sociais concretas. Sabemos todos, aparentemente, o que é uma festa, usamos a palavra em nosso dia-a-dia e sentimo-nos capazes de definir se um determinado evento é, ou não, uma festa. Contudo, essa concepção quase intuitiva de festa choca-se, frequentemente, com a diversidade de interpretações de um mesmo ato coletivo: o que é festa para uns pode não ser para outros. Pode ser descrito como baderna, bagunça, manipulação,

como a morte da própria festa. Um baile *funk* é uma festa? Um comício eleitoral? Um show de *rock*? Uma procissão religiosa? Os sentidos que o próprio senso comum atribui a festa são, dessa forma, bastante fluidos, negociáveis, contestáveis (GUARINELLO, 2001, p. 969).

As indagações de Guarinello são pertinentes à questão do estudo das festas em Bombas, comunidade da cidade de Iporanga, hoje legalmente identificada como quilombola<sup>2</sup>. Com características peculiares, a comunidade de quilombo de Bombas ocupa lugar dentro da floresta, sem luz elétrica, água encanada, sistema de esgoto ou estrada para automóveis ou motocicletas. Chega-se lá por uma trilha que oferece alguma dificuldade aos sedentários urbanos. A caminhada para se chegar ao povoado dura em torno de três a quatro horas e meia. O presente texto é originário de pesquisa de estudo de caso etnográfico (STAKE, 1999) no campo da História da Educação, realizada na comunidade durante o ano de 2009<sup>3</sup>. Ressalta-se que se compreende a Educação em sentido amplo, para além da educação escolar de caráter formal, padronizado. O estudo de tais festas contribui com a compreensão dos processos educativos da própria comunidade em sincronia com a apreensão, compreensão e registro da própria História.

A conceituação de festa depende da forma como nela estamos inseridos. Para o devoto, procissão ou romaria são atos litúrgicos ou religiosos. Para quem dela apenas participa, pode ser momento festivo. Bailes podem significar confusão, encrenca; danças, manifestações do demônio. O autor aponta que é um termo aparentemente neutro, mas polêmico, pois “sua definição mexe conosco, com nossos valores, com nossa visão de mundo” (GUARINELLO, 2001, p. 970).

A alternativa para conceituação do termo, segundo Guarinello, seria desconsiderar particularidades de cunho histórico e cultural pautadas em características comuns a qualquer festa, ou seja, demandam preparo e custo, necessitam de um corpo participante, representam uma suspensão temporal, prescindem de um objetivo (material ou imaginário) que congregue os convidados e que é fator de produção social, seja de ordem material, comunicativa ou significativa. Festa seria:

[...] uma produção do cotidiano, uma ação coletiva que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objetivo que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes de uma determinada identidade. Festa é a confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes. Festa, portanto, produz identidade (GUARINELLO, 2001, p. 973).

O objetivo do autor em definir o que é festa é conferir ao termo conceituação que seja “útil para o estudo da vida cotidiana das sociedades humanas” (Idem, p. 975). Ao considerar sua elaboração, é possível concordar que no plano geral e em Bombas, no particular, as reuniões festivas são de fato momentos de reunião e conagração diante de um objetivo comum, constituindo-se com produção do cotidiano e atividade coletiva. Mas festas, tal qual ocorre com o lúdico, é termo polissêmico que abarca uma série de significados e ao observá-las na comunidade de Bombas não é possível destacá-las das construções culturais e históricas e é esse campo do específico, do particular, mesmo integrado ao global, que nos interessa no presente texto.

Em Bombas as festas, em geral, apresentam-se dentro do calendário religioso cristão ou referem-se a agradecimentos, pagamentos de promessa. São lembrados e

homenageados, às vezes apenas na memória, santos como São Gonçalo, Nossa Senhora Aparecida, Santa Bárbara e Santo Antônio. Festas juninas (São João, Santo Antônio, São Pedro) também fazem parte do calendário, mas ultimamente são comemoradas somente nas escolas. Há ainda as romarias e rezas. O festejo mais comemorado é a “Mesada dos Anjos”, coincidindo com a data de festejos a Santo Antônio, o “casamenteiro”.

À exceção de São Gonçalo, para qual não há data definida para comemoração, dependendo do “pagador” de promessa ao santo, as demais festas, por estarem incorporadas ao calendário da comunidade, podem ser apreciadas como festividades cíclicas. São raras outras manifestações festivas como aniversários, embora casamentos sejam relevados e muitas vezes celebrados com bailes. Essa categoria de festa que ocorre muito esporadicamente, fora do calendário cíclico, pode ser considerada como aleatória.

As festas de Santa Bárbara, de Santa Cruz e de São Gonçalo há tempo não ocorrem na comunidade. Habitam nas memórias dos moradores que se referem ao tempo em que “Bombas era bom e tinha bastante gente”. Nas festas ocorrem muitas brincadeiras tradicionais que pertencem ao repertório cultural ou folclórico da região, como o “casamento de romaria”, por exemplo. São executadas danças, sendo o “fandango” com a versão conhecida como “vilão de lenço” os mais comentados entre os moradores, especialmente os mais antigos. A seguir, discutiremos a respeito de São Gonçalo.

### São Gonçalo

Segundo alguns habitantes de Bombas<sup>4</sup> a festa de São Gonçalo já foi executada várias vezes no território quilombola. A festa dá-se devido ao pagamento de alguma promessa e ocorre em meio a comes especiais e danças, que tendem a durar até o dia seguinte, por conta do promesseiro que também chama dois ou três violeiros. Ao se iniciarem as voltas da romaria de São Gonçalo não se pode parar, pois o “santo fica ofendido”.

O culto de São Gonçalo no Brasil origina-se ainda no período colonial, sob influência portuguesa. Registros apontam (CÂMARA CASCUDO, 2001, VOLPATO, s/d) que o santo teria sido um padre do século XIII, sendo canonizado no século XVI. Lendas a respeito do personagem enfatizam que ele era farrista, alegre, gostava de tocar viola e ensinar religião por meio de versos. Diz-se que o santo dançarino usava sapatos com pregos para dançar a noite inteira, com apontamentos de vários motivos para tal: livrar prostitutas do ofício (enquanto dançavam não “pecavam”), ocupar pecadores com seu canto e música ou se redimir porque em suas missas se cantava e dançava. É celebrado como protetor dos violeiros, sendo também casamenteiro e acessado como remédio para enchentes. Na versão católica, sua imagem não traz viola. A viola aparece em São Gonçalo do Amará<sup>5</sup> (com calção, bota braguesa, viola e chapéu), ou como São Gonçalo Padre.

A dança de São Gonçalo é conhecida por outros nomes<sup>6</sup> e segue alguns padrões. Por exemplo, é obrigatório dançar na frente do santo e jamais lhe virar as costas, cumprimentá-lo na despedida com sapateado, beijando a imagem, o altar ou adornos que o enfeitam. Homens e mulheres organizam-se em filas, cada uma correspondente a um gênero.

Juquita<sup>7</sup>, ao relatar como a festa se dava em Bombas, descreve:

*Minha mãe era cantadeira em festa, em procissão. Precisa da cantadeira e dos acompanhante. Tem um mestre que vai na frente e os outro vão acompanhando as micagens que ele fizer. O mestre faz e o povo faz também. Tem ainda o contra-mestre que vai ajudando. Essa coisa de cantadeira é de antigamente. E a turma cantava qualquer coisa.*

*Qualquer coisa mesmo. Tinha viola e pandeiro e a gente acompanhava com as palmas, arrastando e batendo os pés, a bota. Chééééé. Dançava a noite toda assim: às vezes fazia roda, outras ia indo assim de ilharga (de lado). Aqui antigamente tinha muita moça bonita (Depoimento de Juquita).*

Na história do povoamento atual da comunidade, a mãe de Juquita, Sebastiana, representa a figura de uma das matriarcas chegadas à região nas primeiras décadas do XX. Já falecida, era cantadeira e, num outro relato, Juquita afirma que a mãe sabia fazer e tocar matraca. A descrição de Juquita conserva os preceitos dos registros encontrados a respeito da dança de São Gonçalo. Em relação às supostas micagens que o mestre faria para os demais participantes reproduzirem, era acontecimento comum nas procissões e festas religiosas, principalmente quando havia participação dos negros.

No início do século XVIII, um cronista português em viagem ao Brasil, Nuno Marques Pereira, fez o seguinte relato, divulgado por Câmara Cascudo:

Também digo e aviso que se deve pôr grande cuidado (os que têm obrigação de o fazer) que se não permitam, nem consintam, que vão encaretados com danças desonestas diante das procissões; [...] porque não é para crer o que fazem estes tais vadios, em semelhantes lugares, diante de mulheres honradas e moças donzelas [...] provocando-as por este meio a muitas lascívias com semelhantes danças e músicas torpes tão publicamente que parece (como é certo) que os mandam o diabo (CÂMARA CASCUDO, 2002, p. 58).

O olhar do estrangeiro, sobretudo a respeito das festas religiosas, não permite desvios da fé. Para ele essas procissões não denotavam devoção, ao contrário, eram espaços para tentação de seus participantes, vadios que dançavam desonestamente, em outrs palavras, sensualmente. A respeito de São Gonçalo, a nota do cronista intitulada “Proibida a Festa de São Gonçalo”, relata:

[...] o Conde de Sabugosa, Vasco Fernandes César de Menezes (1720-35), estando governando a cidade da Bahia, por ver umas festas, que se costumavam fazer pelas ruas públicas em dia de São Gonçalo, de homens brancos, mulheres e meninos e negros com violas, pandeiros e adufes com vivas e revivas São Gonçalinho, trazendo o santo pelos ares, que mais pareciam abusos e superstições que louvores ao santo, as mandou proibir por um bando, ao som de caixas militares com graves penas contra aqueles que achassem em semelhantes festas tão desordenadas (CÂMARA CASCUDO, 2002, p. 58).

A festa de São Gonçalo é de origem portuguesa, mas “abrasileirada”. Se o padre santo podia dançar e cantar, porque não o povo? Schwarcz (2001) tece consideração interessante a respeito desse olhar estrangeiro das festividades durante o império. Lembra que num país escravocrata a festa dos “brancos”, em geral, ocorria no interior dos palácios ou teatros. Já os negros buscavam as ruas ou o interior das senzalas. Cenários diferentes, trajas e comportamentos também diferentes. As festas religiosas atraíam públicos de grupos sociais diversos para o mesmo espaço, onde “comungavam, por meio de rituais, formalmente católicos, algo além da hóstia sagrada” (SCHWARCZ, 2001, p. 611).

Procissões e festejos religiosos eram espaços mais abertos para a participação popular com a inclusão dos negros, diferentemente do que ocorria em solenidades cívicas

onde apenas podiam observar o movimento. Nas procissões e festas ocorria uma “mistura” de classes, de camadas sociais que desnoravam estrangeiros:

Além da mistura de camadas sociais, causava estranhamento a ostentação de roupas e gestos, a sensualidade e a alegria. O suposto é que nesses locais o sentimento religioso ou cívico passava ao largo e as comemorações transformavam-se em pretexto para o exercício da sociabilidade (SCHWARCZ, 2001, p. 611).

Além da questão da fé, o exercício da sociabilidade também motiva festejos como o de São Gonçalo e outras romarias e rezas. O motivo é sempre cristão, católico. Há famílias de outras religiões na comunidade de Bombas, que embora não dancem, comparecem aos eventos. É a oportunidade de estar juntos e estabelecer novos contratos e alianças. Sob as bênçãos dos santos trocam-se olhares, iniciam-se namoros. Não assombra que até os dias de hoje São Gonçalo ainda seja comemorado em algumas comunidades tradicionais e que tenha marcado tanto a memória dos anciãos do lugar.

Retomando relato do viajante português impresso na obra de Câmara Cascudo, temos: “ver umas festas, que se costumavam fazer pelas ruas públicas em dia de São Gonçalo, de homens brancos, mulheres e meninos e negros com violas, pandeiros e adufes”. Na narrativa há referência a violas e pandeiros dos meninos negros, instrumentos até hoje presentes nessas festas, e também em Bombas, conforme narraram seus habitantes. Embora não se vejam pandeiros e matracas, instrumentos de corda como viola e violão são muito presentes. Há uma constância nos relatos de vários membros da comunidade a respeito dos instrumentos musicais. Reforça que embora haja tambores e outros instrumentos de percussão normalmente relacionados às culturas africanas, não há rejeição a outros ritmos musicais, sendo mesmo apreciados. Moura (1997), em sua tese “Ritmo e Ancestralidade na Força dos Tambores Negros”, destaca o papel das festas quilombolas na dinâmica cultural e construção da identidade. Com grande ênfase aos tambores, relata também a presença de outros gêneros musicais nas comunidades, como o *rap* (embora aos tambores caiba a celebração dos ritos).

A questão dos tambores associa os quilombos às religiões de culto africano ou afro-brasileiro. Na verdade, as comunidades variam muito de religião, não é obrigatório ao remanescente de quilombo (nem a ninguém) que uma religião lhe seja atribuída como “legítima”. Reconhecendo o processo histórico, pode-se até fazer analogias, mas não se pode negar a grande influência católica e, atualmente, evangélica, no espaço das comunidades tradicionais<sup>8</sup>.

### **Mesada dos Anjos**

No campo das festividades, ocorre no território quilombola de Bombas a “Mesada dos Anjos”. Essa comemoração tem motivo de agradecimento. No mês de junho, coincidindo com a época final da colheita, os moradores organizam um grande almoço para as crianças. A tradição diz que o motivo para a festa é o pagamento de promessa feita aos anjos quando ainda se está preparando o terreno para o plantio. Caso plantação e colheita sejam protegidos, os adultos organizam a festa coletiva, reverenciando os anjos na figura das crianças, que são servidas primeiro (no dia-a-dia, não raro são as últimas a comerem). Para a realização da festa era comum engordarem criação do terreno (pato, galinha, porco). Hoje, dividem as despesas.

A “Mesada dos Anjos” do ano de 2009 em Bombas ocorreu no Dia de Santo Antônio, 13 de junho. Pela manhã, houve celebração de missa, sem nenhuma menção às

crianças ou a tal mesada. Após a celebração ocorreu a festa, terminada no dia seguinte, ao som de violeiros e canções da região. O ritual em si contava com uma mesa posta com algumas velas acesas e as imagens de Nossa Senhora Aparecida e Santo Antônio. As crianças foram servidas e, com elas, um único adulto, uma mulher grávida. Após o almoço, comeram doce caseiro, de sobremesa. Só então os adultos comeram. À tarde, a mesa foi rearranjada com velas e os mesmos santos e foi proferida uma oração, seguida de cantoria. Mais comes e bebes. Durante todo o tempo os violeiros tocaram e cantaram. À noite, acendeu-se uma grande fogueira.

A Mesada dos Anjos, com essa denominação, é conhecida em outras comunidades do Ribeira. Não se sabe exatamente a origem, mas há algumas referências que ligam a Mesada dos Anjos à chamada “Festa dos Inocentes”, esta calcada na mitologia cristã.

Câmara Cascudo (2001) relata que na data de 28 de dezembro, em homenagem aos Santos Inocentes, deveria ser servida uma refeição especial às crianças menores de oito anos. Os Santos Inocentes são, na literatura bíblica, aquelas crianças com até um ano de idade que Herodes mandara sacrificar em perseguição ao Menino Jesus. Tal festa teria origem na França, com as *Fêtes des Saints Innocentes* ou *Fêtes de Fous*, onde as comemorações seriam de tom burlesco e popular “confundindo-se com a ‘Festa dos Loucos’ [...] com amplas liberdades licenciosas” (CÂMARA CASCUDO, 2001, p. 495). Foi proibida no século XV.

Em Portugal, Lisboa, na versão portuguesa da festa, era eleito, entre os meninos do coro, às vésperas dos Santos Inocentes, um Bispo Inocente, que reinaria até o outro dia, chegando a sair em procissão. A ele e seu coro de garotos era servido farto jantar na catedral.

No território brasileiro a festa foi popularizada e comemorada em datas variadas e sob os auspícios de outros santos, como São Roque, Santo Antonio, São José. Na Bahia efetivou-se sob o simbolismo de “Cosme e Damião”, onde até os dias atuais são distribuídos doces e balas às crianças. Ocorre em 27 de dezembro e pode também fazer alusão à Mesada dos Anjos.

Há ainda a “Mesa dos Inocentes” em homenagem aos *Ibejis*<sup>9</sup> (os meninos gêmeos). Trata-se de ritual totalmente voltado às crianças. Oferendas como doces e brinquedos são distribuídos aos menores para que os pedidos de sucesso (saúde, inteligência e outros) sejam alcançados. Há rigor nos preparativos e realização da “mesa”, atentando inclusive para o cardápio servido. Por exemplo, deve ter o número certo de crianças (seis, doze ou vinte e quatro) que devem ser servidas em sentido anti-horário. Mulheres grávidas podem participar e há rigor no cardápio, proibindo-se certas comidas. O ritual pode ser realizado a qualquer tempo e data, principalmente para se obter saúde.

Guerra (2009), em seu trabalho de Doutorado “Temporadas de Brincadeiras”, no qual analisa a questão da sazonalidade presente em brinquedos e brincadeiras no contexto de Maracaju (Mato Grosso do Sul), observa, ao relatar as comemorações em homenagem a São Sebastião, que entre os vários festejos há o “almoço dos anjos”, fazendo referência a evento semelhante à Mesada dos Anjos.

Não obstante a origem dos ritos que fazem parte dessa festa pode-se verificar em cada um dos modelos o elo religioso e a associação das crianças à saúde e à fartura. É curioso o fato de as *Fêtes des Saints Innocentes* ser comemorada em dezembro, coincidindo com o inverno. Nas adaptações brasileiras, as datas, em princípio, seguiram o mesmo modelo inspirado na mítica fuga do Menino Jesus e sua família da ira de Herodes, ocorrendo em dezembro. Em Bombas e em outras comunidades do Ribeira a data é junho, coincidindo também com o inverno. É a época da colheita, dos campos descansarem para o

próximo plantio. É tempo de agradecer pela boa colheita e de pedir novos frutos. É uma crença importante para quem depende da terra e vive de acordo com seus ciclos. Caillois (1972), nos anos de 1930, ao tratar dos mitos, em especial os religiosos, admite que:

[...] essas representações coletivas são privilegiadas. Elas acalmam, reconfortam onde se fazem acreditar. Também sua ação sobre a afetividade, por ser tão imperativa, anuncia-se, em algum grau, como necessariamente mediatizada no indivíduo por uma secreta exigência de suas próprias postulações (CAILLOIS, 1972, p. 35). Tradução livre.

Os ritos e mitos, como os descritos para as várias possibilidades de se celebrar e significar a Mesada dos Anjos, suas formas e experiências no cotidiano têm essa força de representação coletiva capaz de mediatizar as relações e, de certo modo, submergir o indivíduo, restando-lhe o coletivo.

### Reunidas e Puxirões

Há outros tipos de eventos festivos. Atentamos para o fato de que eventos podem ser qualquer acontecimento que fuja às ações do cotidiano: visita de alguém da cidade, passagem de serviços de saúde e odontológicos, chegada dos professores no início do ano, celebração de uma missa, até mesmo a presença de um pesquisador. As *reunidas* e *puxirões* organizados por membros da comunidade, apesar de seu objetivo residir no trabalho coletivo, também são considerados eventos. Evento, em Bombas, é tudo que foge ao cotidiano e à trilha. Grandes eventos geralmente culminam com almoço coletivo ou baile.

Um bom motivo para ocorrência desses eventos são as missas. O padre marca com antecedência e um dos moradores vai buscar folhetos litúrgicos e material referente ao culto. As celebrações ocorrem normalmente em Bombas de Cima<sup>10</sup>, na casa de Juquita e no horário da manhã. As pessoas se preparam muito. Mulheres e crianças se adornam e mães capricham nas roupas e acessórios das crianças, sobretudo de bebês. Homens trazem violões para acompanhar os cantos. Todos chegam cedo. Ocupam-se de preparar a comida.

Em uma das ocasiões em que haveria missa, o padre não compareceu. Por um momento, as pessoas ficaram um pouco desanimadas, mas fizeram uma oração e logo as crianças estavam brincando, as mulheres cozinhando e os homens conversando. Valorizam os momentos que estão juntos, porque não são frequentes.

*Reunidas* e *puxirões* são grandes eventos. O objetivo é o trabalho. As *reunidas* são mais frequentes, e talvez mais em Bombas que em outras comunidades com acesso para carros. As “*reunidas*” presenciadas durante o trabalho de campo tinham por motivo limpar o caminho, a trilha. Os moradores estavam indignados com a prefeitura. Um deles chegou a dizer que os outros achavam “que lá (Bombas) não tinha gente, era tudo mato, por isso estava abandonado”. Fazem questão de que o caminho esteja limpo. Primeiro, para facilitar o acesso e realizar o trajeto com mais segurança, principalmente no caso de aparecerem animais. Depois, porque “são gente” e “gente é diferente de bicho”, portanto precisavam que o caminho demonstrasse que era trilha de humanos.

Nos *puxirões* (mutirões) trabalha-se o dia inteiro: construindo casa, fazendo roça, plantando. Como dizem no quilombo, é “trabalho grande”. À noite, após a labuta, sempre tem festa. É um momento importante, onde brincam, cantam e fazem baile sem motivo religioso. Bailes que, como de costume, viram a noite. O *puxirão* é realizado para abrir roça, carpir, colheita de arroz, feijão, para limpar as trilhas e construir casas. Quem organiza o mutirão fica conhecido como dono do mutirão (Puxirão ou Reunida do Juquita,

Puxirão ou Reunida do Antoninho) e é responsável por chamar os companheiros que, por sua vez, trazem sua ferramenta de trabalho. É o “dono” do mutirão que se responsabiliza pela alimentação durante o serviço e proporciona o baile ao final com violeiro, sanfoneiro ou, nos dias de hoje, usando aparelho de som<sup>11</sup>. Durante a festa também é responsável pelos comes e bebes.

Queiroz (2006) analisou os puxirões nas comunidades do Ribeira, especialmente em Ivaporunduva. Apresenta o relato de uma moradora antiga:

[...] aquela pessoa que queria fazer uma roça ligeiro juntava vinte, trinta pessoas, fazia a roça num dia. Fazia puxirãozinho de colheita de arroz também. Quando a roça de arroz era grande e o arroz tava maduro, carecia do dono abrir os olhos, senão perdia. Precisava fazer puxirão para colher. De tudo serviço tinha puxirão, tudo era a custo de dificuldade. Faziam puxirão e de noite tocava viola, era a dança. Os violeiros vinham tocar viola, violão, rabeca, gaita. No nosso tempo tinha vadio pra tudo esse serviço de tocar violão, rabeca, gaita. Tocamento de instrumento desde o tempo antigo tinha” (QUEIROZ, 2006, p. 98).

Queiroz relaciona outra forma de acontecer o puxirão no Vale do Ribeira (Jacupiranga, Eldorado): a “pujuva”. O autor a identifica como uma maneira de ajuda mútua, diferente do mutirão porque os colegas só trabalham para o beneficiário metade do dia, alimentando-se de café, farinha de mandioca, banha e ovos. Depois do trabalho, ocorria o baile. O aparecimento da “pujuva” está relacionada, ao que parece, à “impossibilidade do beneficiário em fazer frente às despesas de um autêntico mutirão”. (QUEIROZ, 2006, p. 99). Há ainda outra forma, embora sem registro no Vale do Ribeira, a “traição”, quando o beneficiário é surpreendido pelos vizinhos para trabalho sem solicitação. No caso, improvisa a refeição, podendo haver ou não baile.

O autor analisa que os mutirões, aos poucos, vão desaparecendo, “como decorrência e expressão de modificações sofridas pelo povoado desde o início do processo de dissolução de sua antiga organização não capitalista” (Idem, p. 103). Assume, todavia que tanto festas e mutirões, como ritos fúnebres, constituíram-se, no passado, com o que Mauss chamou de “fatos sociais totais”, ou seja:

Comer, dançar, chorar, cantar, trabalhar, amar, brigar, rezar etc. eram comportamentos vividos concomitantemente ao longo das festas, dos ritos e do mutirão no interior da comunidade. Vividos não egoisticamente, não individualmente, mas com generosidade. Assim, processava-se uma troca complexa, envolvendo a todos, quando todas as coisas e sentimentos eram oferecidos e retribuídos (QUEIROZ, 2006, p. 107).

Nota-se que os mais velhos, não obstante as considerações de Queiroz, interpretam o momento da festa como “vadiagem”. Queiroz defende que seja de comunhão.

### **Festas para rezar, dançar, beber e comer**

As festas no quilombo exigem a dança. Atualmente, o sertanejo e o forró são os ritmos mais ouvidos e tocados. Todavia a dança conhecida como fandango<sup>12</sup> é muito citada como memória dos habitantes mais antigos. Juquita afirma “tá tudo se acabando”. Queixa-se de que as mulheres não dançam mais (algumas “fandanguieras” tornaram-se religiosas evangélicas):



*Nas festas tinha a brincadeira do vilão do lenço. É brincadeira de baile, que nem o passa-passa gavião. O violeiro ficava para fora da roda e a gente ia fazendo os gestos com o lenço. Todo mundo tinha seu lenço. Chééé. Formava duas fileiras e vinha um de lá e outro de cá, acompanhando a música e o mestre, imitando o que ele fizer. Passava por baixo dos lenços, tudo colorido. Eu gostava de dançar até de madrugada. Gostava de ficar bem perto da mulher. Outra coisa que tinha era o fandango. Para dançar o fandango precisa de tamanco, tamancão mesmo. Nós batia o pé para dançar e acompanhar a rabeca. Era tudo rabeca de quatro cordas, com arco de embira. Aqui tinha cantador e tocador de rabeca. Já teve até festa com sanfoneiro, bailão mesmo. Chéé, agora foi tudo se embora e a moçada de hoje é desanimada, não tem mais nada, não. A Maria Romana (Maria Peniche, que mora fora de Bombas hoje) era fandangureira. Como dançava aquela mulher. A noite inteira... Andrela, a filha dela também. Agora são crente (Depoimento de Juquita).*

Vilão do lenço<sup>13</sup>, a dança a que Juquita se referia como “brincadeira boa”, faz parte do repertório do fandango. Como se trata de dança tradicional, de ocorrência principalmente no sudeste, há vários relatos a respeito.

É nas festas e eventos que há a oportunidade de os adultos brincarem espontaneamente, como sugere uma das professoras que lecionaram na comunidade de Bombas:

*Nessas reuniões ou em outras como reunida, mutirão – ou puxirão – como eles falam aqui, só vi os adultos brincando, se divertindo com jogo de malha. Todos vinham para reunião ou reunida, de bota de borracha. Festa para eles só na reunida ou dia de festa religiosa (Depoimento de Professora de Bombas).*

A realização de festas e bailes revela duas problemáticas: uso abusivo de bebida alcoólica e potencialidade de ocorrerem brigas. Mulheres são mais temerosas, como aparece nos relatos:

*Às vezes aconteciam as festas. Nessas ocasiões chegava a sair faísca: briga. Tinha homem que ia todo armado, dos pés à cabeça: faca, faquinha, facão, espingarda. Não se sabe se era festa ou briga (Depoimento de Professora de Bombas).*

*Morei com Jamar nas Bombas seis anos. Mas é muita bagunça, muita pinga, gente desunida. Prefiro ficar aqui sozinha, sossegada. Então, quando tem festa lá sai briga, porque todo mundo bebe, fica valente. A gente tem até medo. Tamo evitando as festas (Depoimento de Vera Ursulino)<sup>14</sup>.*

A bebida alcoólica sempre esteve representada nas comunidades negras, desde o tempo das senzalas. Scarano (2001) analisa a questão do alcoolismo no século XVIII, assegurando que havia uma crença de que era necessário que se tomasse bebida alcoólica antes de se realizar algum trabalho duro, difícil, pois seria uma espécie de energético. Essa convicção perpassou por vários momentos da História, em localidades diferentes. Na França e na Sicília tomar vinho, considerado energizante antes de trabalhos penosos, era comum. A partir daí, difundiu-se o mito.

No Brasil, “uma vez que trabalhos penosos eram realizados por escravos a eles se fornecia uma bebida, geralmente aguardente, antes de uma tarefa dessa categoria”. (SCARANO, 2001, p. 470). Era consumido para animar e evitar doenças, como no caso dos escravizados em Minas Gerais, que trabalhavam à procura de salitre. A eles era recomendado tomar aguardente para evitar problemas pulmonares. Era também recomendada para tratamento e prevenção da sarna e outras enfermidades de pele.

O álcool era considerado terapêutico, tanto quanto o fumo. Mas, relata Scarano, também representava perigo, pois, mais tarde, quando da produção de cana-de-açúcar, fator importante de controle econômico, começou a ter a distribuição negada e, conseqüentemente, a cachaça passou a ser alvo de saques, contrabandos e roubos e traziam perigo público, pois, “a gente de cor [...] bebendo nas festas e comemorações, promovia arruaças capazes de trazer enorme perigo” (SCARANO, 2001, p. 478).

A bebida, que como a comida era considerada parte integrante das festas religiosas, profanas e até nos velórios, apresenta caráter ambíguo: por um lado, representava o perigo demonstrado nas arruaças; por outro, era tolerada e compreendida, mesmo no caso de excesso (embriaguez) se a intenção fosse de “homenagear o santo, valorizá-lo”, no caso das procissões. Constituíam-se também como elemento integrador, capaz de instituir elos de companheirismo e alegria. Entre os escravizados e pobres, favorecia a solidariedade, desagradando as autoridades.

A bebida alcoólica ainda tinha outro papel que até hoje pode ser percebido nas festas (e não apenas em Bombas):

[...] as festas tinham no álcool um motor capaz de dar mais vigor às danças e aos cânticos, estreitar, mesmo que temporariamente, as amizades e fazer com que as pessoas tivessem alguma oportunidade de dar vazão a seus sentimentos, participar do mundo circundante, mostrar, enfim, sua humanidade. Também constituía oportunidade de manifestar sentimentos muitas vezes secretos, isto é, combinar levantes ou preparar fugas (SCARANO, 2001, p. 479).

Bebedeiras que pudessem gerar arruaças foram acuando e amedrontando donos de negros escravizados. Após a abolição, o costume permaneceu entre ex-escravizados e população de baixa renda, o bem-estar, o frenesi, a fuga do cotidiano adensado pelo uso da cachaça.

Até hoje as festas são associadas a arruaças, bagunça e há certo temor em delas participar. Mas é nesse espaço que há a maior integração da comunidade, mesmo sendo por motivos religiosos, portanto, “desculpáveis”. No entanto, permanece o caráter contraditório: entre o prazer de confraternizar e o medo dos excessos no álcool.

Independentemente das festas, há, de fato, um fator preocupante com o alcoolismo em Bombas, considerado como grande desestímulo à ação local e ao envolvimento da comunidade em questões que exigem sua participação, como no processo de reconhecimento como quilombo. Além disso, é apontado na comunidade como demanda urgente a ser tratada nas suas prioridades previstas como agenda socioambiental (SOCIOAMBIENTAL, 2008).

Da mesma forma que a bebida está associada diretamente às festas e outros eventos festivos em Bombas, a comida também o é. Na verdade, o preparo da comida é motivo de festejo à parte, principalmente entre as mulheres, que se encontram, conversam, trocam impressões e dão o tom e gosto da festa. Se for encontro de reunida ou puxirão, quando os homens voltam da lida, a fome é grande e a comida, bem vinda. Em caso de festa como a

“Mesada dos Anjos”, além do almoço, há preparo de doces caseiros como o de banana e de abóbora. Tudo é feito no fogão à lenha, utilizando poucos utensílios (às vezes, latas fazem o papel de panelas) e o mínimo de ingredientes. Nos dias de hoje, as mulheres preparam lembranças para as crianças presentes no evento com balas, chocolates e outros doces entregues no final do encontro em uma sacolinha adornada. Cabe lembrar que festas como as de aniversário são raras e por isso, a “Mesada dos Anjos” pode adquirir o significado de festejar todas as crianças por sua existência na comunidade. É uma festa coletiva, com participação das crianças no preparo<sup>15</sup> e no desenvolvimento do evento.

As mulheres em geral assumem os comeres de uma festa, mas os homens, via de regra, participam, como relata Juquita:

*Dona Muié, aqui tem festa. Já teve mais. Tem a festa de Nossa Senhora Aparecida, no 12 de outubro. A festa da Santa Cruz é em 03 de maio. A gente levanta cedo para preparar tudo. Já fiz muita coruja para festa da Santa Cruz. As mulher fica fazendo a comida. Eu fazia coruja: é massa com farinha de mandioca bem fininha assada que faz pra festa. Acontecia sempre nas casas dos morador. Primeiro, enfeitava o altar com flor. Depois, abria a roda e dançava. Cada um ia indo até o altar o beijava a Santa. Na roda, era homem e mulher apartado, cada um de um lado, depois de beijar a Santa (Depoimento de Juquita).*

A narrativa é acrescida com a descrição das brincadeiras que ocorriam durante ou depois da reza:

*Fazia também o casamento da romaria. Era escolher a noiva e se ela aceitasse, ficava com a moça a noite toda, dançando, conversando. Tinha tudo: até os compadre do casamento de romaria. Mas era só aquele dia. Depois, cada um ia para o seu canto. E eu dizia que queria casar com a mais bonita e escolhia mesmo a mais bonita (Idem).*

As brincadeiras e as comidas tradicionais como a “coruja” em bailes e festas não são mais tão presentes. Juquita, lembrando, conclui:

*Às vezes a gente rezava a romaria que durava a noite toda. Aí a gente combinava de fazer o baile no outro dia, depois da romaria. Uma vez, dancei a romaria do Divino em Bombas. Dancei a noite inteira. Depois, no outro dia, fizemos de novo. Fizemos a romaria de São Gonçalo. Faz mais de vinte anos. Às vezes eu tô na roça e me lembro. Chego a dar risada sozinho lembrando essas coisas. Já foi o tempo de Bombas animado. E olhe que vinha gente de fora pras festas aqui. Às vezes acontecia umas coisa que desanimava. Teve uma vez que num tal de Pulica, meu padrinho, a festa era lá, perto da Gica (Virgilina) onde tem duas pontes de umburaneira. Um tal de Diogo ali meteram a faca nele. Furaram mesmo, mas já faz muito tempo. Não morreu, não (Idem).*

O medo não impede que ocorram as festas, mesmo em frequência menor. Os momentos de lazer, festas, integração e ludicidade são importantes para estreitar os laços, partilhar e construir a própria História. Os quilombolas em seu fazer cotidiano contam, recontam e reforçam suas histórias nesses momentos coletivos.

### **Festas, vida comunitária e autoafirmação quilombola**

O artigo 68 da Constituição brasileira de 1988, no seu Ato das Disposições Transitórias, prevê:

Aos Remanescentes das Comunidades dos Quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os respectivos títulos. (ITESP, 2000, v. 3, p. 3).

A propriedade definitiva da terra reivindicada pelos que se autoafirmam quilombolas ocorre quando tais terras são ocupadas e utilizadas como bem comum, ou seja, na condição de terras devolutas. O reconhecimento como comunidade quilombola traz em si o reconhecimento da experiência comunitária.

O lúdico em geral e as festas, especificamente, reforçam essa experiência de comunidade. Puxirões, reunidas, bailes, “Mesadas dos Anjos” são facetas da vida comunitária onde um depende do outro para que o evento ocorra em seu motivo e mérito, resguardando e transformando relações e tradições.

Relações maritais, familiares e entre vizinhos são estreitadas por mais um laço de vida comunitária e autoafirmação quilombola: o compadrio. Em Bombas a grande maioria é compadre, comadre, afilhado, afilhada. Pode ser de batismo ou casamento, ou mesmo por “consideração”. Essa característica também é encontrada em outros bairros tradicionais. Há na Historiografia atual uma série trabalhos que destacam a relação de compadrio como forma de sobrevivência e resistência negra ao processo de escravização e ao ritmo imposto pelas senzalas, onde, não raro, famílias eram dissolvidas ou nem chegavam a se constituir no modo tradicional que conhecemos, no processo de compra e venda dos negros escravizados. Separados de mães e pais por seus senhores, as crianças em condição de escravidão eram acolhidas por outros escravizados, “os padrinhos”, que, na medida do possível, delas cuidavam. Reis (1998) é um exemplo dos trabalhos que destacam a relação de compadrio. A autora recupera aspectos da experiência de vida familiar do negro dentro do contexto escravista baiano do século XIX, indicando a importância atribuída pelo escravo à sua família e a relações de parentesco. Nessa pesquisa é possível perceber “novas” relações de parentesco, como o compadrio, atuando como possibilidade de sobrevivência e proteção de grupos que entre si se preservam e permitem visualizar a criança escravizada, em contextos de solidariedade que permeia a busca da liberdade e construção de outros espaços para resistir e conviver.

Em Bombas, quando crianças e até adolescentes saem para visitar alguém e demoram para voltar são acolhidos na casa de destino ou em outra habitação do caminho. Por lá comem e dormem. Suas mães não manifestam preocupação: sabem que os filhos estão sendo cuidados. O laço do compadrio reforça alianças e confiança entre as famílias do local. Não se trata, e seria anacrônico assim pensar, de uma sociedade “pura”, “isolada”. Pelo contrário, apresenta uma teia de relações que possibilitam sua existência e viabilidade. Preserva a coletividade, o compadrio, mutirões, festas tradicionais e seus habitantes, senhores do espaço que ocupam, sabem por onde caminhar e interpretar os sinais por vezes oblíquos da natureza, apropriando-se, em contrapartida, da tecnologia ao redor.

De certa maneira, os cultos religiosos que se perpetuam nos eventos coletivos e festivos, tanto em sua preparação como em sua execução, legitimam as festas que ocorrem em Bombas e sua relação com o sagrado, como também em outras comunidades quilombolas. Nota-se mais uma vez a ação do coletivo sobre o individual, reforçando a necessidade da vida comunitária nesses espaços, seja para ações que favoreçam um

indivíduo ou uma família apenas, ou toda a comunidade, nos seus eventos de reunidas e puxirões, seja no fortalecimento de laços de amizade ou de relações como o compadrio.

Observamos que a busca dessa legitimidade para as festas em torno da religiosidade faz parte de um processo de inserimento, ressignificação e permanência dos africanos, outrora escravizados, no Brasil. Reinventa-se, por exemplo, o culto a São Gonçalo, originalmente português europeu e que encontra motivos para continuar a existir em várias comunidades tradicionais, sobretudo negras e quilombolas. Recupera-se a “Mesada dos Anjos”, com seus atributos e possibilidades de interpretação em várias culturas e momentos históricos específicos e que colocada no calendário festivo da comunidade, dialoga com a produção cultural e histórica de vários povos, mas, principalmente, com as reminiscências africanas nas analogias que podem ser estabelecidas, por exemplo, com a tradição dos ibejis. Por outro lado, o papel do cristianismo no processo de colonização e conversão à fé cristã dos povos que habitaram o Brasil, justifica os atos de devoção e o sincretismo presentes nas manifestações religiosas. Romarias, novenas e rezas justificam a ocorrência de bailes e festas, referendando tais eventos como episódios de razão religiosa (sagrada) e tradicional e reforçando o papel das ações coletivas na comunidade.

Ao considerarmos tais eventos, aproximamo-nos dos “matizes da ancestralidade africana”. Matizes como tons que retornam, lembram ou reforçam a cor matriz, a ideia mais próxima da original, que por vários processos de invisibilização voluntária ou involuntária e pelos motivos que levam à resistência, sempre estiveram presentes e que na atualidade tentam recuperar a tradição fincada na ancestralidade africana em diálogo com o que nos constituímos na experiência com os grupos indígenas, europeus, latino-americanos, etc. Afinal, se considerarmos o advento de Lucy, somos todos, de alguma forma, africanos.

## Referências

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Antologia do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2002. v.1.

\_\_\_\_\_. **Contos tradicionais do Brasil**. São Paulo: Global, 2001.

CAILLOIS, Roger. **Le mithe et l' home**. Paris: Éditions Gallimard, 1972 (collection Idées).

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In JANCSÓ, István e KANTOR, Iris (org) **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo, Imprensa Oficial, 2001, v. II, p. 969-975. (Coleção Estante USP – Brasil 500 anos, v. 3).

GUERRA, Vera Lúcia. **Temporadas de Brincadeiras**. Tese (Doutorado). São Paulo: FEUSP, 2009.

ITESP. **Negros do Ribeira: reconhecimento étnico e conquista de território**. São Paulo: ITESP, Editoras Gráficas, 2000 (Cadernos ITESP, v. 3).

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

QUEIROZ, Renato da Silva. **Caipiras Negros do Vale do Ribeira**. Um estudo de antropologia econômica. São Paulo: Edusp, 2006.

REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. **História da Vida Familiar e afetiva dos escravos na Bahia do século XIX**. Salvador: UFBA, 1998.

SANTOS, Maria Walburga dos. **Saberes da terra: o lúdico em Bombas, uma comunidade quilombola (estudo de caso etnográfico)**. São Paulo: FEUSP, 2010.

SCARANO, Julita. **Bebida alcóolica e sociedade colonial**. In JANCSÓ, István e In JANCSÓ, István e KANTOR, Iris (org) **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo, Imprensa Oficial, 2001, v. II, p. 467-485. (Coleção Estante USP – Brasil 500 anos, v. 3).

SCHUARCZ, Lilian Moritz. **O Espetáculo das Raças**, São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

SOCIOAMBIENTAL, Instituto. **Agenda socioambiental de comunidades quilombolas do Ribeira**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2008.

STAKE, R.E. **Investigacion com estúdio de casos**. Madri: Morata, 1999.

VOLPATTO, Rosane. **Dança de São Gonçalo**. Disponível em [www.rosanevolpatto.trd.br/dancasaogonçalo](http://www.rosanevolpatto.trd.br/dancasaogonçalo). Acesso em 20 de setembro de 2009.

## Notas

<sup>1</sup> Docente do Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas, DTPP-UFSCar.

<sup>2</sup> Identificada de acordo com os critérios legais: Quilombo **Identificado** - Primeiro ato normativo referente a existência e regularização do Território Quilombola. Considerando abertura dos processos no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), no órgão estadual competente (Ex: ITESP) e/ou a Certidão da FCP (Fundação Cultural Palmares). Fonte: ITESP; AACONE.

<sup>3</sup> SANTOS, Maria Walburga dos. **Saberes da Terra: o lúdico em Bombas, uma comunidade quilombola (estudo de caso etnográfico)**. Tese de Doutorado. São Paulo: FEUSP, 2010. O presente texto foi adaptado da composição da tese.

<sup>4</sup> Todos com mais de 60 anos, três homens e uma mulher (nota caderno de campo).

<sup>5</sup> Contam que São Gonçalo viveu no Porto e morreu em Amarante (Amará) Portugal.

<sup>6</sup> Romaria de São Gonçalo, voltas a São Gonçalo, terço de São Gonçalo, dança de São Gonçalo, reza de São Gonçalo, festa de São Gonçalo, trocado para São Gonçalo, roda de São Gonçalo são algumas das expressões utilizadas para homenagear o santo.

<sup>7</sup> O senhor Juquita à época da pesquisa (2009) era o habitante mais velho do quilombo.

<sup>8</sup> Certa vez em visita a outra comunidade quilombola os anfitriões mostravam uma gravação onde apareciam cenas que remeteriam a alguma religião africana, o que foi comentado pelos espectadores. Imediatamente trataram de negar a interpretação, dizendo que sempre foram cristãos católicos.

<sup>9</sup> Prandi (2001) relata em um dos contos sobre os Ibejis que os gêmeos foram separados pela morte. O que sobreviveu, definhava. Na impossibilidade de a divindade trazer o morto à vida, transformou os dois em imagens de madeira, ordenando que ficassem juntos para sempre. “Nunca mais cresceriam, não se separariam. São dois gêmeos-meninos brincando eternamente, são crianças” (PRANDI, 2001, p. 369).

<sup>10</sup> O território quilombola de Bombas é considerado um único bairro. Todavia, para fins de localização geográfica mais simples, os moradores referem-se a Bombas de Baixo e Bombas de Cima. Da estrada, para se chegar a Bombas de Baixo, gasta-se entre uma hora e trinta ou duas caminhando. Para Bombas de Cima, gastam-se mais duas horas caminhando a partir de Bombas de Baixo. O nome do povoado, Bombas, deve-se à existência no território de nascentes d’água, apelidadas pelos moradores de bombinhas.

<sup>11</sup> Embora não haja energia elétrica em Bombas até o momento, há captação de energia solar. Essa energia faz funcionar um pequeno aparelho de televisão em uma das casas e às vezes o aparelho de som, que também funciona com pilhas ou bateria.

---

<sup>12</sup> A origem do fandango é europeia, mais precisamente, espanhola. Configura-se como dança vibrante que pode ser praticada com ou sem par e para a qual se exige sapateado, castanholas e molejo. Apresenta cantoria, viola e violão.

<sup>13</sup> O termo vilão deve estar associado ao sentido da palavra em Portugal, ou seja, o morador da vila, o camponês. É dançada aos pares, que também devem obedecer a número par, no interior das casas ou salões. Usam-se fitas ou lenços que se agitam e formam arcos, colorindo e alegrando a dança.

<sup>14</sup> A depoente mudou-se de Bombas e morava em região próxima ao quilombo, Lages.

<sup>15</sup> Vale uma observação: a experiência da festa em quilombo difere totalmente das experiências de festas urbanas que conhecemos hoje. Ao considerarmos apenas o exemplo das comemorações para crianças, atualmente praticamente tudo (arranjos, doces, comidas) é encomendado ou a festa realizada em um “buffet”. Na comunidade quilombola em questão ainda há o costume de “fazer junto”, que faz parte da comemoração.

Recebido em abril-13

Aprovado em maio-13